



SUJEITO DO DISCURSO DE ÓDIO: DESCONHECIMENTO E CINISMO COMO MODALIDADES SUBJETIVAS DE TOMADA DE POSIÇÃO

Thiago Alves França¹

Como a AD me “cutuca” para pensar a categoria do Sujeito, e como a expressão “discurso de ódio” já parece reclamar uma visada discursiva, acabei me perguntando, na reflexão que tenho feito para minha tese ainda em andamento, sobre o que seria o sujeito do discurso de ódio e sobre como diferentes indivíduos constituem-se sujeito nas tramas daquilo que se tem chamado de discursos de ódio.

Verificando as noções mais regulares para discurso de ódio², e aqui me refiro ao domínio do Direito, que repetem, de diferentes formas, que o discurso de ódio é produzido contra uma minoria, e é também a noção que funciona na proposta do simpósio³ no qual este trabalho foi originalmente apresentado, há a tendência, me parece, de entender o discurso de ódio como sendo produzido por um sujeito (o agressor) contra um objeto (a minoria). Poderia dizer que, lendo aquelas noções, o sujeito do ódio é aquele que produz tal discurso, dirigindo-o contra alguém, o objeto do ódio.

Colocar as coisas assim, nesses termos, lembra o modo de uma certa teoria da comunicação entender o processo comunicativo, e que foi popularizado por Jakobson, mas com a qual a AD rompeu para constituir a si mesma. As críticas que Pêcheux (1969) fez ao modelo “de Jakobson”, eu reproduziria em relação à maneira como, apressadamente, chegaríamos, no que diz respeito aos personagens envolvidos, a interpretar o processo do discurso de ódio, para mim, de forma simplificada: disparado por um sujeito e sofrido pelo objeto.

Qual seria, então, a forma alternativa, que, pelo menos, driblasse as críticas que Pêcheux (1969) fez àquele modelo no qual se inspirou para com ele romper? Bem, eu não tenho a pretensão de ser definitivo, mas é nessa tentativa que quero explicar essa expressão – “sujeito do discurso de ódio” –, e dizer como cheguei a ela.

¹ Doutorando em Letras (Linguística) pela UFPE. Professor assistente da Uneb, campus IX. Bolsista Uneb-PAC..

² Algumas definições: “O discurso de ódio **tem como alvo uma minoria**; é, o discurso de ódio, uma atividade que **faz com que as minorias tenham mais dificuldade de se integrar na sociedade** (WALDRON, 2012); Discurso de ódio é **“toda manifestação que denigra ou ofenda os membros das minorias tradicionalmente discriminadas**, que estão em inferioridade numérica ou em situação de subordinação socioeconômica, política ou cultural” (LUNA; SANTOS, 2014, p. 232). “O discurso do ódio consiste na manifestação de ideias intolerantes, preconceituosas e discriminatórias **contra indivíduos ou grupos vulneráveis**, com a intenção de ofender-lhes a dignidade e incitar o ódio em razão dos seguintes critérios: idade, sexo, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, idioma, religião, identidade cultural, opinião política ou de outra natureza, origem social, posição socioeconômica, nível educacional, condição de migrante, refugiado, repatriado, apátrida ou deslocado interno, deficiência, característica genética, estado de saúde física ou mental, inclusive infectocontagioso, e condição psíquica incapacitante, ou qualquer outra condição”(SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015, p. 149-150) (grifos meus).

³ Na ementa do Simpósio IV – O político nos discursos de ódio –, no VIII SEAD, lê-se que discurso de ódio é “uma das formas de abuso do direito de liberdade de expressão, caracterizando-se pelo desejo de diminuir e/ou inferiorizar minorias, com ofensas, incitação à violência e defesa da superioridade de certo grupo em detrimento de outro”. Disponível em: <<https://www.discursosoad.com.br/simposio4>>.



Eu me inspiro em Gabriel Liiceanu (filósofo romeno), em uma obra chamada “Do ódio” (2014), em que ele se refere ao “sujeito do ódio”. O autor, que não está vinculado à AD, não desenvolve a noção, mas ela aparece contígua à sua discussão de que o ódio moderno, diferente do ódio clássico (aquele se extingue no momento em que o outro odiado deixa de existir), é impessoal.

Mas o que ele quer dizer quando afirma que o ódio se torna impessoal? Liiceanu (2014, p. 54) afirma que “o que odeia tem em vista o sujeito do ódio”. Logo em seguida, ele explica o que isso quer dizer: que não se odeia individualmente, mas, que, antes, se odeia em grupo, “odeia-se como espécie do que ‘se sente’” (p. 54). Nessa discussão, eu entendo que o pertencimento é disparador do ódio, mas é também seu naturalizador, como se o pertencimento a tal grupo dependesse do ódio que se nutre, e que é naturalizado nesse pertencimento condicionante; como se fosse uma credencial. Em termos mais familiares, eu diria que se odeia a partir de uma posição, de um lugar comum, que é (im)possível para alguns, e no interior do qual faz-se sujeito.

Além disso, quando afirma que o ódio se tornou impessoal, Liiceanu (2014) chama atenção para aquele a quem se odeia: não mais uma pessoa isolada, “mas odeia-se como agente de uma categoria” (LIICEANU, 2014, p. 54). Isto é, trazendo para a AD, odeia-se outro lugar, ou, mais exatamente, a relação imaginária que se tem com esse outro lugar; odeia-se uma outra posição.

A partir do que Liiceanu (2014) chama de sujeito do ódio, eu penso o sujeito do discurso de ódio já com uma ênfase que é caudatária do pressuposto de que discurso é efeito de sentidos entre sujeitos, entendidos como posições, como projeções imaginárias de lugares da estrutura social (PÊCHEUX, 1969). O discurso de ódio, concebido assim, envolve sujeitos, de modo que não entendo como sujeito do discurso de ódio apenas aquele a quem poderíamos chamar de “agressor”.

Se o discurso de ódio, sendo um discurso tal como o concebemos no interior da AD, se produz envolvendo dois pontos, dois sujeitos, são sujeitos do discurso de ódio tanto aquele que agride quanto o agredido. E, sim, entre os sujeitos há relações desiguais de força, e há também espaço para pensar um efeito de reificação, uma vez que o rebaixamento via coisificação do outro parece ser, como apontam Liiceanu (2014), Jacques Sémelin (2009) entre outros, um caminho para que se produza o ódio, e o discurso de ódio, eu acrescento. Mas destaco que ver que o sujeito é objetificado (ou bestializado) como efeito de um processo não é igual a entendê-lo como objeto, de forma naturalizada.

Nessa tentativa de pensar o sujeito do discurso de ódio, a sua constituição, o processo mesmo de subjetivação, as modalidades de tomadas de posição (PÊCHEUX, 1975), me deparei com dois enunciados que retomavam o célebre enunciado de Descartes “penso, logo existo”, que já tinha sido retomado, por exemplo, na Psicanálise, nos desconcertando, como é tarefa ou apanágio de áreas como a Psicanálise, com o “existo onde não penso”. Nesse caso, as duas releituras, as retomadas que me levaram a pensar na constituição do sujeito do discurso de ódio são as seguintes: “Odeio, logo existo”, formulado por André Glucksmann (filósofo e ensaísta francês), em uma obra chamada “Discurso de ódio”; e “És odiado, logo existes”, de Liiceanu (2014), na obra a que me referi antes.



Esses dois enunciados, cada um à sua maneira, e de pontos de partida diferentes, referem-se ao que se poderia chamar de constituição do sujeito do discurso de ódio, entendendo a subjetivação como condição de existência no mundo, como forma sem a qual não há atividade social, sem a qual não há prática. Os dois enunciados apontam duas maneiras, via ódio, via discurso de ódio, de ser sujeito.

Se me faço entender, tanto o “Odeio, logo existo” quanto o “És odiado, logo existes” referem-se à constituição de uma subjetividade. Nos dois, um certo “efeito de identidade” se produz: no primeiro, odiar é condição de existência do eu; “eu sou, eu significo, eu ajo, eu leio conforme o ódio que experimento. É pelo ódio que eu sei que posso ser o que acredito que sou; na segunda, é por ser odiado que eu existo, de modo que o modo com o outro me vê, isto é, odiosamente, é o que produz a minha existência. E talvez haja espaço, coisa que ainda devo fazer adiante, em outros fôlegos, para pensar uma existência pela resistência, o que produziria um “resisto, logo existo” (ou “resisto para seguir existindo”), o que seria uma forma de compreender a resistência como condição de existência.

Julien Benda (também francês, 1927), em uma obra chamada “A traição dos intelectuais”, entende que o final do século XIX, avançando sobre o XX, foi o momento em que se viu organizar intelectualmente os ódios políticos, o que ele também chama de paixões políticas, entendidas por ele como aquelas “pelas quais os homens se erguem sobre os homens” (BENDA, 1927, p. 119): paixões de raça, de classe e nacionais.

Quando descreve o funcionamento dessas paixões, Benda (1927) refere-se, além de outras características (universalidade, precisão etc), a uma coerência: “os adeptos de um mesmo ódio político [...] formam hoje uma massa passional compacta, da qual cada elemento sente-se ligado à infinidade dos outros” (BENDA, 1927, p. 120). Fala de uma deificação da própria paixão, e que se fortalece quando se aproxima de paixões semelhantes, ou apresentadas como semelhantes, ou ainda como se fossem a mesma paixão.

Benda (1927) vai dizer que os adeptos de uma mesma paixão política tendem a formar uma massa, como ele diz, uma massa passional, homogênea. Diz “homogênea” porque, segundo ele, nessa massa, são extintas ou apagadas as maneiras diversas que há de sentir, de odiar: “os ardores de todos adotam a mesma cor”. “Quanto [a] esse bloco de ódio, [ele] é pouco enfraquecido por maneiras pessoais e originais de odiar”. Parece que “todos dizem a mesma coisa!” (BENDA, 1927, p. 121).

“Todos dizem a mesma coisa”: eis o funcionamento ideológico produzindo a evidência do sentido. “Todos dizemos a mesma coisa; todos formamos uma massa homogênea; todos somos um só, menos eles, mas é claro que sabemos quem eles são”. Essa operação de subtração (nós somos o resultado da operação que os subtrai) parece essencial na constituição do sujeito do discurso de ódio. É a condição, é o limite, é a fronteira.



O processo do discurso de ódio não se faz, então, apenas envolvendo um personagem e um objeto. Envolve dois protagonistas, dois lugares⁴, duas posições: o sujeito que odeia e o sujeito que é odiado. A existência, mas mais que isso, a inteligibilidade do sujeito que odeia se dá à medida em que se produz também o sujeito a quem se odeia. Como operações imaginárias entre dois pontos entendidas como condição de produção (PÊCHEUX, 1969), não há o que odeia sem o odiado, e o contrário é também verdadeiro: o sujeito odiado existe na medida em que é odiado por aquele que o odeia, mobilizando também uma certa imagem de si e do outro. É nessa trama discursiva de ódio que os sujeitos são forjados. O odiado e o que odeia são, então, papéis essenciais (protagonistas) no processo do discurso de ódio

Olhando de longe, pode parecer muito mais “evidente” que o sujeito a quem se odeia seja uma construção, seja resultado de uma interpretação, e que o sujeito que odeia preexista. Pensar assim, no entanto, seria também estar sob efeito do esquecimento (PÊCHEUX; FUCHS, 1975; PÊCHEUX, 1975) de que a interpelação age sobre os indivíduos fazendo-os sujeitos; ela não age, como destaca Pêcheux (1975), sobre os sujeitos. A vantagem de pôr as coisas nesses termos é justamente não apagar da teoria o processo pelo qual o sujeito é produzido. Então, sujeito que odeia e sujeito odiado são contemporâneos, é o que me parece.

Retomando Benda (1927) e lendo com as lentes de que disponho, eu diria que é sob um efeito ideológico que se entende que “os ardores” da paixão, do ódio, “adotam a mesma cor”. Essa homogeneização é efeito ideológico, e não nos deixa ver, porque nos mostra outra coisa, que mesmo na massa que, por exemplo, ocupou a Avenida Paulista, entre outros espaços, em atos a favor do que chamaram de *impeachment*, há diferentes maneiras de ser sujeito, mas que ficam “desapercebidas” no processo de massificação.

Pensando no cenário político nacional que se configura pelo menos desde o período eleitoral quando Dilma foi reeleita presidenta, passando pelo Golpe de 2016, até esse momento, temos visto diferentes fenômenos sendo designados como discurso de ódio, mas um em especial tem como disparador/motivador um ódio “político”. Um ódio contra o governo da Esquerda, movimentos organizados que são interpretados como movidos pelo ódio político que desliza para ódio contra as minorias, ódio à democracia, ódio de classe... Esse deslizamento de significantes aponta para uma característica: o ódio se transmuta, o que faz com que ele não se extinga facilmente, já que o sujeito odiado sempre pode vir a ser outro (LIICEANU, 2014).

No que diz respeito a esse discurso de ódio político, penso que há maneiras diferentes de ser sujeito do discurso do ódio à Esquerda, ainda que obnubiladas pela ilusão de que “há uma massa homogênea e da mesma cor”. No caso nacional e no cenário ao qual me referi, a mesma cor não significa apenas “metaforicamente”; no caso, ela vestia verde e amarelo.

⁴ É por ser o sujeito odiado, por me enxergar assim, que posso chegar a resistir. Assim, a vantagem de pensar sujeitos e não sujeito e objeto é esta, a que dá espaço para vislumbrar uma atividade, uma prática que ocorra também do ponto B.



Uma das formas de ser sujeito do discurso de ódio, que eu chamei de “pelo desconhecimento”, é aquela em que realmente, verdadeiramente, se acredita estar fazendo o correto ao se posicionar contra um governo de Esquerda, no caso, contra o governo de um Petista, e, mais especificamente, contra o Governo de Dilma. Esses indivíduos, que se subjetivam enquanto sujeito do discurso de ódio quando “odeiam” o PT – e essa prática é o que faz deles sujeitos do discurso de ódio –, existindo na oposição, portanto, ao sujeito petista/de Esquerda odiado, odeiam por razões “nobres”, “justas”: em defesa do país, contra a corrupção, para pôr fim à roubalheira, para que o Brasil não se torne Cuba, para salvar a nação, para que haja saúde, educação e segurança. Tudo isso é interpretado como verdade para alguns; são realmente os motivos para que bradem em alto e bom som que o PT arruinou o país.

Eles realmente não sabem, mas fazem, que seria a ação “clássica” da ideologia (ŽIŽEK, 1996), produzindo o desconhecimento. Eles não se sabem sujeitos do discurso de ódio, mas produzem discursos de ódio, e com a legitimidade daqueles que o fazem em nome da salvação de seu país. Um ódio tornado nobre (LIICEANU, 2014)). Um ódio dissimulado, ainda que inconscientemente, de “nacionalismo” ou “patriotismo”.

Para esses sujeitos, os petistas inimigos do país existem, ou, mais exatamente, preexistem, e não são resultado de uma relação. Trata-se do “desconhecimento fetichista” (parafrazeando Žižek (1996)): para os participantes desse vínculo social, eles acham que são os defensores do país, dando aos petistas o tratamento que merecem, porque os petistas já seriam em si mesmos, isto é, fora da relação imaginária com os defensores; como se a determinação “ser petista” fosse uma propriedade natural da pessoa que é petista.

Então, como discute Pêcheux (1975) a partir de Althusser, esse desconhecimento funciona sob a forma de um “reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, entre os próprios sujeitos, e, finalmente, de cada sujeito por si mesmo” (ALTHUSSER apud PÊCHEUX, 1975, p. 158). É nesse reconhecimento, prossegue Pêcheux (1975), que o sujeito se esquece do processo que o constituiu sujeito, “das determinações que o colocam no lugar que ele ocupa” (PÊCHEUX, 1975, p. 158). Então, há, nesse processo, espaço para que pensemos na existência de sujeitos ingênuos.

Existe, porém, uma outra maneira de se relacionar com um saber, com uma FD, que não é pela via do desconhecimento. Haveria outras, mas, nesse caso, estou falando do cinismo, e cinismo como tomada de posição, como discutem Baldini (2009), e Baldini e Di Nizo (2015). “Eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem”. Assim, Geddel Vieira Lima⁵, por exemplo, sabia muito bem que a sua participação em movimentos favoráveis ao *impeachment* tinha razões outras, mas afirmava que, “como todo cidadão brasileiro”, participava do movimento porque não aguentava mais o governo incompetente do PT, e sua prática de roubo (um grau superior ao da corrupção) que enriquece os petistas. Mesmo sabendo que o motivo era outro, ele age como se o motivo fosse a corrupção e a incompetência do PT. Ele mente e produz discurso de ódio. Ele sabe muito bem, mas ainda assim (re)produz discurso de ódio.

⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SaW-EJNWc4Y> >. Acesso em 10 ago. 2017.



Žižek (1996) diz que “O sujeito cínico tem perfeita ciência da distância entre a máscara ideológica e a realidade social, mas, apesar disso, continua a insistir na máscara [...]: ‘eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem’. A razão cínica já não é ingênua” (ŽIŽEK, 1996, p. 312-313).

Para um domínio de saber que pressupõe o funcionamento incontornável de duas estruturas-funcionamento (PÊCHEUX, 1975), caracterizadas pelo fato de seu funcionamento produzir a dissimulação do próprio funcionamento – a Ideologia e o Inconsciente –, Žižek (1996) nos coloca uma questão desconcertante: como não pensar em um fora da ideologia, em um pós-ideológico, quando se entende que uma forma de ser sujeito de uma FD é pelo cinismo? Como não estar fora do ideológico, sendo o cinismo essa relação entre o que eu sei, mas faço ainda assim, e considerando que dissimular o seu funcionamento – que pressupõe um desconhecimento- é que é próprio de uma FD? Como é saber num espaço de não-saber?

A saída que Žižek (1996) aponta é pela prática. Fetichistas do fazer e não do saber, e não estamos fora da ideologia. E eu talvez possa discutir essa questão depois de anos de reflexão, anos futuros. O que posso dizer hoje, e que entendo que é também a saída que Baldini e Di Nizo (2015) apontam na especificidade de sua discussão, é que, na prática, onde a ideologia se mostra (“não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela” (ALTHUSSER, 1970, p. 131)), os cínicos e os que desconhecem as tramas agem da mesma maneira, isto é, odiando o PT e produzindo discursos de ódio possíveis na relação com o sujeito odiado petista/de Esquerda.

Agem por acreditarem ou agem como se acreditassem: a prática de produzir discurso de ódio ocorre nos dois casos. “Disso eles não sabem, mas o fazem”; “disso eles sabem muito bem, mas o fazem mesmo assim”: essas duas são modalidades de tomadas de posição, isto é, são maneiras de ser sujeito da prática do discurso de ódio.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142. Edição original: 1970.
- BALDINI, Lauro José Siqueira. Cinismo, discurso e ideologia. *ANAIS IV SEAD*. 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/sead4_simposios.html>. Acesso em 16 maio. 2017.
- _____; DI NIZO, Patricia Leal. O cinismo como prática ideológica. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 131-158. dez. 2015
- BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007. Edição original: 1927.
- GLUCKSMANN, André. *O discurso do ódio*. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- LUNA, Nevita Maria Pessoa de Aquino Franca; SANTOS, Gustavo Ferreira. Liberdade de expressão e discurso de ódio no Brasil. *Revista Direito e Liberdade*. v. 16, n. 3, set-dez. 2014. p. 227-255.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161. Edição original : 1969.



_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. 4. Ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 159-249. Edição original: 1975.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009. Edição original: 1975.

_____. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; SANTOS, Rodrigo Hamilton dos. Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. *RIL*, Brasília a.52, n. 207, jul-set. 2015. p. 143-158.

SÉMELIN, Jacques. *Purificar e destruir: usos políticos dos massacres e dos genocídios*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

WALDRON, Jeremy. *The Harm in Hate Speech*. London: Harvard University Press, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 297-331.